



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JUNIELA VASCONCELOS DAS NEVES

**MEMÓRIAS NEGRAS EM UMA COMUNIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO:
JABEQUARA/SÃO FRANCISCO DO CONDE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

JUNIELA VASCONCELOS DAS NEVES

**MEMÓRIAS NEGRAS EM UMA COMUNIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO:
JABEQUARA/SÃO FRANCISCO DO CONDE**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Barreto Farias.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

JUNIELA VASCONCELOS DAS NEVES

**MEMÓRIAS NEGRAS EM UMA COMUNIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO:
JABEQUARA/SÃO FRANCISCO DO CONDE**

Projeto de pesquisa, apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharela.

Data de aprovação: 21/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana Barreto Farias - Orientadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Fábiana Barbosa Ribeiro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Rafael Palermo Buti

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	O TEMA E SUA RELEVÂNCIA	5
2	OBJETIVOS	10
2.1	GERAL	10
2.2	ESPECÍFICOS	10
3	CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	10
4	CRONOGRAMA	13
	REFERÊNCIAS	14

1 O TEMA E SUA RELEVÂNCIA

As memórias das comunidades negras vêm sendo preservadas sobretudo pelas tradições orais. Através de suas memórias, os moradores têm possibilitado e evidenciado o pertencimento à comunidade em que vivem e à sua ancestralidade, bem como à sua realidade social, cultural, econômica e financeira, e às permanentes transformações as quais seus habitantes vêm passando ao longo dos anos.

Este é o caso de Jabequara, comunidade baiana situada a 17 quilômetros do centro do município de São Francisco do Conde, e composta, em sua maioria, por descendentes de ex-escravos que trabalhavam nos engenhos da região e que, mais tarde, com seu declínio, migraram para o trabalho nas usinas. Como recorda o senhor Virgino de Souza,

O trabalho intenso e o sol cansativo não deixavam a gente nem pensar direito, a vida na usina não foi fácil, vocês não têm noção das humilhações e gritos que nós ouvíamos. Às vezes a resposta estava na ponta da língua, mas eu lembrava que em casa minha mãe viúva e meus irmãos menores dependiam de mim, daquilo que eu levava para casa a cada mês¹.

Um desses locais era a Usina Cinco Rios, criada, segundo dados do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), em 1912. Até então, funcionava ali o Engenho Maracangalha que, na época, pertencia à cidade de São Francisco do Conde, grande produtora de açúcar desde o período colonial. Atualmente, na localidade só restaram as ruínas da usina e, ao redor, os ex-trabalhadores criaram suas roças de subsistência e suas casas. A usina funcionou por 75 anos. “Seu” Júlio das Neves, agora com 64 anos, ingressou na Cinco Rios em 1972, mas, aos 9 anos de idade, já trabalhava na Fazenda São Gonçalo, fornecedora direta de cana para a Usina, que contratou muita mão de obra, principalmente trabalhadores temporários, inclusive diversas pessoas que vinham do sertão, com o sonho de melhores condições de vida. Para ele,

A usina Cinco Rios foi uma das mais bem instaladas usinas baianas de açúcar, tendo maquinário de última geração e força motriz de máquinas a vapor, inovando ao utilizar o bagaço da cana como combustível e energia elétrica. A sua história, ligada ao período açucareiro, mostra a prosperidade – quando atingiu a contratação de 1,2 mil operários – e a decadência dessa economia na Bahia. Em 1972, a Usina Cinco Rios teve a maior safra de todos os tempos, produzindo açúcar de primeira qualidade apesar da decadência das demais na Bahia. Ao longo de seis administrações, a Usina fechou e reabriu várias vezes².

¹ Entrevista realizada com Virgino de Souza, em 05 de dezembro de 2017, Jabequara, São Francisco do Conde.

² Entrevista realizada com Julio das Neves, em 04 de dezembro de 2017, Jabequara, São Francisco do Conde.

Por outro lado, durante muito tempo, Jabequara foi uma guardiã das famosas casas de farinha. Diante de uma vida de grande sofrimento, essas casas tornaram-se lugar não somente para se produzir o sustento, mas também ponto de encontro de várias famílias. Como destaca Walter Fraga Filho, os recursos materiais e simbólicos das comunidades, formadas durante a escravidão, foram fundamentais para concepção de estratégias de sobrevivência após o fim do cativeiro, sobretudo quando os ex-escravos buscaram alargar as alternativas de vida dentro e fora dos antigos engenhos. (FRAGA, 2006: 25-26).

Assim, surgiram produções e cultivos agrícolas mais diversificados. Em Jabequara, a produção era tão intensa que havia ali cerca de oito casas de farinha, em torno das quais reuniam-se várias famílias e gerações que, além do trabalho, partilhavam histórias, vivências e brincadeiras. E o que prevalecia, segundo depoimentos de alguns moradores, era a “produção e meia”, que funcionava mais ou menos assim: quem tinha a terra plantava e quem não tinha colhia e produzia os utensílios. Ao final, tudo era dividido para as duas partes e os donos da casa de farinha ganhavam uma porcentagem em forma de pagamento. Dessa forma, os utensílios produzidos eram, de certo modo, apenas uma moeda que circulava na comunidade³.

O trabalho com a mandioca era feito de forma muito organizada, e as tarefas eram bem divididas. As mulheres quase sempre ficavam com as raspagens, os adolescentes e crianças, com as mandiocas pequenas (conhecidas pelos mais velhos como tamboras), já os homens ficavam na parte de triturar e prensar. Claro que muitas mulheres faziam o trabalho que era considerado para homens, pois nem todas as famílias possuíam homens suficientes para as atividades.

O cultivo nas terras em proximidades da Usina Cinco Rios crescia a cada dia. E na Comunidade de Jabequara, por sua vez, não foi diferente. A Fazenda São Gonçalo, propriedade agrícola que fornecia cana para a usina e ficava na localidade de Jabequara, contratava sobretudo homens para o trabalho braçal, e muitos deles ainda nem tinham completado a maior idade, como aconteceu com “Seu” Júlio, citado anteriormente. O trabalho infantil era largamente utilizado como mão de obra, conforme também lembra Maria Jardimina, 80 anos e moradora de Jabequara,

Comecei a trabalhar muito pequeno, pequeno mesmo. Eu já trabalhava avulso, mas de carteira assinada eu só fui mesmo no ano de 1962. Aí você mesmo faz as contas pra não dizer que tô mentindo. Eu nasci em 28 de fevereiro de 1953. Ali eu tirava o sustento da família. Até brinco com isso, pois eu aceitava tudo sem reclamar, era

³ Entrevista realizada com Maria da Conceição Vasconcelos das Neves, em 08 de novembro de 2017, Jabequara, São Francisco do Conde.

uma coisa de sobrevivência⁴.

Nesses novos processos de subsistência, a mulher tinha um papel muito importante. Enquanto a maioria dos homens partia para os trabalhos na Fazenda São Gonçalo e na Usina Cinco Rios, elas não só cuidavam da casa e carregavam água das muitas fontes potáveis ali existentes, como reservavam tempo para fazer seus roçados ou mesmo para pescar nos rios de sua proximidade. As plantações eram variadas e, além de vender e consumir o que produziam, os frutos do cultivo eram utilizados também como moeda de troca, como lembrou com grande propriedade o Senhor Valério, um dos antigos corretores e agricultor da comunidade. As negociações aconteciam da seguinte forma: quem tinha batata, por exemplo, trocava com quem tinha inhame. E os produtos para as negociações eram variados, já que a localidade era rica em mandioca, batata, inhame, bangalô, andu, dendê e ainda muitas árvores frutíferas.

O peixe assado na folha da banana e o charque conhecido na comunidade como carne do sertão faziam a festa dos homens pela manhã ao se arrumarem, mesmo porque as empresas não forneciam almoço. Conforme recorda, Virgino de Souza, 68 anos.

“A gente saía de Jabequara para a usina de pé, pra (sic) comer a gente tinha que levar a nossa farinha. Quando tinha, nós levava(sic) um peixe assado ou um taco de carne do sertão na farinha... E pimenta era o que não faltava”⁵.

A partir desse e de outros depoimentos, podemos sugerir que muitas pessoas na comunidade vivenciaram situações que remetiam aos tempos da escravidão, quando eram destinados para os negros os restos de carne. Muitas famílias na comunidade aguardavam (e outras até ajudavam) a matança de boi da fazenda São Gonçalo, para conseguir alguma parte. As pessoas passavam quase o dia todo à espera na porteira da fazenda, quando aparecia alguém com um saco daquilo que iria ser dispensado. Como conta Julio das Neves, 64 anos, ex-trabalhador da Fazenda e da Usina.

Cansei de pegar aquelas gorduras do boi que ia ser jogada fora para comer, aquele ubri às vezes era o que matava a fome. No dia em que eu não tava, meus filhos já sabia (sic), iam correndo para a porteira pedir o ubri, que em casa era tratado e colocado no varal como se fosse roupa, para enxugar e a gente comer. Quando fritava o ubri, fazia tanta banha⁶.

A usina fechou no ano de 1987, e então alguns trabalhadores tiveram a oportunidade de ir para o Pólo Petroquímico, trabalhar na Refinaria Landulfo Alves, criada em 1950.

⁴ Entrevista realizada Maria Jardilina das Neves Máximo, em 09 de dezembro de 2017, Jabequara, São Francisco do Conde.

⁵ Entrevista realizada com Virgino de Souza, em 05 de dezembro de 2017, Jabequara, São Francisco do Conde.

⁶ Entrevista realizada com Julio das Neves, em 04 de dezembro de 2017, Jabequara, São Francisco do Conde.

Porém, muitos não conseguiram ingressar ali e, para sobreviverem, tiveram que reforçar a cultura da atividade agrícola na comunidade. Vale ressaltar que os homens que foram trabalhar na refinaria já possuíam profissões que exerciam ou exerceram nas fazendas de cana e nas diversas usinas do Recôncavo, e essas atividades foram “reaproveitadas” no novo local, tais como servente, tratorista, armador, oficial mecânico, cozinheiro, pedreiro, maquinista ou eletricitista.

Mas como essa comunidade se formou? Que outras memórias esses trabalhadores, descendentes de homens e mulheres escravizados, têm da época em que estavam ocupados em atividades nos engenhos e usinas ou mesmo em períodos anteriores? Que histórias sobre os tempos da escravidão e do período pós-abolição ainda circulam na comunidade? E que outros laços e conflitos ainda estão presentes ali?.

Meu objetivo neste projeto de pesquisa é justamente discutir a formação da comunidade de Jabequara, bairro da Cidade de São Francisco do Conde, destacando suas ligações com as propriedades da região, e especialmente com a Usina Cinco Rios, localizada em Maracangalha, distrito da cidade de São Sebastião do Passé. Para tanto, buscarei fazer uma análise a partir dos depoimentos orais de moradores e antigos moradores do local e dos diversos vestígios da escravidão e do período pós-abolição presentes ainda hoje na memória da comunidade.

São Francisco do Conde, para além dos engenhos, também ficou conhecida por ser uma localidade onde o trabalho com o marisco e a pesca sempre foi intenso. Por não ser banhada por mar navegável, Jabequara teve sua vida econômica e social muito mais voltada para a agricultura. Neste aspecto, diferencia-se dos demais bairros da cidade. Como vimos, além do plantio da mandioca, o cultivo era diversificado e a produtividade era grandiosa, a exemplo da produção de farinha nas oito casas locais, comercializada em toda a região do Recôncavo.

Atualmente, Jabequara possui em torno de três mil habitantes, e ainda é considerada uma comunidade rural. No entanto, o plantio e a produtividade agrícola têm diminuído bastante. Os saberes rurais que eram passados de geração em geração já não têm sido muito preservados na localidade, e a maioria dos jovens passou a buscar atividades industriais ou aquelas mais distantes do antigo “trabalho braçal”.

As plantações foram dando lugar a outras construções e formas de sobrevivência. São poucas as pessoas que ainda fazem todo o processo de plantar, colher e produzir os alimentos. As casas de farinha foram desaparecendo e, hoje, temos cerca de quatro casas em funcionamento, produzindo em pequena quantidade. Desta forma a dinâmica de reunir-se em

família para a raspagem da mandioca e produção dos seus derivados tem se tornado cada vez mais rara.

A presente pesquisa tem o intuito de trazer luz à comunidade de Jabequara, ainda tão marginalizada e invisibilizada, tanto no próprio cotidiano de São Francisco do Conde, como nos trabalhos acadêmicos sobre o Recôncavo Baiano. Trata-se de um lugar onde não foram desenvolvidas pesquisas acerca da comunidade e suas dinâmicas, mesmo tendo em vista suas relações com o Engenho Maracangalha e, posteriormente, com a Usina Cinco Rios, e a contínua produção de farinha de mandioca.

O plantio e a produção de alimentos nas casas de farinha não são exclusivos de Jabequara. Como nos mostra o historiador Bert Barickman, outras regiões do Recôncavo, como, por exemplo, Nazaré das Farinhas, se destacaram em sua produção desde pelo menos o período colonial. Nessas áreas, “aproveitando seu tempo 'livre' para trabalhar em pequenos lotes de terra que seus senhores lhes concediam, talvez os escravos cultivassem mandioca suficiente para seu sustento”. (BARICKMAN, 2003:107) Em Jabequara, essas outras atividades “sempre” tiveram destaque e valorização para as pessoas mais velhas da localidade, não só por estarem em uma terra fértil para o cultivo, mas também porque muitos plantavam para conseguirem a sobrevivência das famílias.

Portanto, com essa investigação, poderemos entender como a comunidade conseguiu produzir meios de subsistência. E também acompanhar mais de perto sua ligação com a Usina Cinco Rios, tendo em vista que, até o ano de 1926, a cidade de São Sebastião do Passé era considerada distrito de São Francisco do Conde. Desta forma, Maracangalha, divulgada pela música de Dorival Caymmi, também pertenceu a São Francisco, sendo a localidade da cidade mais próxima do bairro de Jabequara.

Estamos falando de uma comunidade pequena, com casas que eram distantes umas das outras, onde as pessoas costumavam se encontrar quando iam até as fontes, pegar água para consumo, nas plantações, na usina e na fazenda. Em 2010, o IBGE cadastrou Jabequara como pertencente à cidade de Candeias, havendo uma disputa política pelo local. Somente neste ano de 2017 o bairro foi incluído no mapa da cidade de São Francisco do Conde. Hoje, um pouco mais desenvolvida, a comunidade de aproximadamente três mil habitantes tem sua história e as trajetórias de seus ancestrais guardadas e reelaboradas nas memórias daquelas pessoas que a sociedade insiste em deixar no anonimato.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

A partir dos depoimentos de moradores e ex-moradores mais velhos da comunidade de Jabaquara, localizada no município de São Francisco do Conde, analisar as memórias da formação da comunidade, onde quase toda a população é descendente de ex-escravos e de trabalhadores de engenhos e usinas da região, uma das principais produtoras de cana-de-açúcar no Recôncavo Baiano.

2.2 ESPECÍFICOS

- Compreender as identidades e as relações de trabalho, sociais e de gênero forjadas nessa comunidade, especialmente a partir das primeiras décadas do século XX;
- Examinar o que o trabalho no Engenho Maracangalha, na Usina Cinco Rios e na Fazenda Gonçalo representou para os moradores de Jabaquara e seus familiares;
- Explicar a importância do plantio da mandioca para a sobrevivência de diversas famílias da comunidade, tanto para sua subsistência, como para o compartilhamento de vivências, sociabilidades e experiências.

3 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, nossas principais fontes serão as entrevistas que faremos com moradores e ex-moradores negros, e também seus descendentes, da comunidade de Jabaquara, em São Francisco do Conde. Na medida do possível, também recorreremos a documentos, escritos ou visuais, sobre os trabalhadores da Usina Cinco Rios e de outras propriedades agrícolas da região. Nesse processo, será fundamental também realizar cuidadosas pesquisa e análise bibliográficas, já que contamos com uma farta produção sobre o Recôncavo Baiano desde pelo menos o período colonial até anos mais recentes, com os trabalhos de Stuart Schwartz, Bert Barickman, Walter Fraga Filho ou Lívio Sansone. Para cada tipo de registro, daremos o tratamento necessário para sua análise. Para as fontes orais,

por exemplo, nos apoiaremos nas reflexões teóricas e metodológicas sobre história oral e memória.

A escolha dos entrevistados será realizada de forma a garantir a qualidade da pesquisa, pois as pessoas prioritariamente selecionadas serão aquelas que moram há mais tempo na comunidade e/ou têm ligações diretas ou indiretas com os temas em questão. Desta forma, numa seleção preliminar, já convidamos para as entrevistas mulheres e homens com mais de 50 anos, que conviveram ou tiveram parentes próximos que vivenciaram o trabalho nas fazendas de cana, na Usina Cinco Rios, bem como alcançaram as “origens” da Comunidade de Jabequara, antes de seu loteamento ou ainda que sobreviveram por meio do plantio da mandioca. A exemplo de “Seu” Júlio e Maria Jardimina, já mencionados no início deste plano de pesquisa.

Como estamos falando de história oral, aqui não será identificado com precisão o quantitativo de entrevistados, uma vez que, apenas quando for de fato iniciado o processo de pesquisa na comunidade, poderemos ter uma real dimensão dos depoentes mais ligados às discussões dos temas aqui propostos. Tendo em vista também que, a partir de uma entrevista, podemos ter acesso a outros atores sociais que não haviam sido pensados inicialmente, mas que poderão ser de grande relevância na coleta de dados. Por outro lado, pessoas já selecionadas podem, no decorrer das entrevistas, não se mostrarem tão essenciais para a pesquisa.

Essas questões também nos levam às discussões sobre o conceito de memória. Segundo o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy:

Memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais. [...] toda memória tem índices sociais que a justificam. É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que relevam o significado das lembranças armazenadas (MEIHY, 2002: 54).

Além disso, a memória é essencial a um grupo ou uma comunidade, porque está ligada à construção de sua identidade; é fruto da organização e da seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, da própria identidade. Mas ela está sempre mudando e por isso podemos falar em uma história das memórias de pessoas ou grupos. Numa mesma comunidade, grupo ou uma nação, as diversas memórias em disputa também são fundamentais para se entender esses grupos ou a própria sociedade. Como destaca o sociólogo Michel Pollak, as “memórias coletivas” são tão “numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade”. (POLLAK, 1989).

E as falas que surgem a partir da memória também serão, “sempre e inevitavelmente”, construção, elaboração, seleção de fatos e impressões, e ainda pode ter mentiras, esquecimentos, deformações; ou seja, é “uma versão dos fatos e não os fatos em si” (MEIHY, 2002: 50). Mesmo assim, não devem ser deixadas de lado. O objetivo central da coleta de depoimentos não é só a busca da verdade, mas sim da experiência. Quando examinamos como as pessoas e os grupos viviam o passado, podemos questionar algumas interpretações gerais de alguns acontecimentos e ainda podemos ter uma “mudança de perspectiva”.

Assim, é importante ressaltar que, por muito tempo, estávamos acostumados a ouvir a história de cima para baixo, sempre colocada do ponto de vista da elite, e raramente a classe oprimida ou prejudicada teve voz e vez. No entanto, aqui faremos o inverso, saberemos da história de baixo para cima, ouviremos, por exemplo, dos antigos trabalhadores da Fazenda São Gonçalo, propriedade que fornecia cana para a Usina Cinco Rios, suas experiências e vivências desde pelo menos meados do século XX. Como destaca a historiadora Verena Alberti,

Opondo-se à História positivista do século XIX, a História oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar e saber com o povo e se voltar para a História dos Humildes, dos primitivos dos “sem História” (em oposição à História da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores). (ALBERTI, 2008: 157-158).

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Liane Alves de. **Memórias e trajetórias de trabalhadores de cana-de-açúcar na Bahia. Dicercação.** UFBA, Salvador, Ba: 2008.
- ARAÚJO, Ubiratan Castro. “A Bahia de Todos os Santos: um sistema geohistórico resistente”. In: I. CAROSO, Carlos, II. TAVARES, Fatima, III. PERREIRA, Claudio (orgs.). **Bahia de Todos os Santos: Aspectos Humanos.** Salvador. EDUFBA, 2011.
- ANDRADE, Adriano Bittencourt. “A espacialização da rede urbana no recôncavo baiano setecentista à luz da cartografia histórica”. **Revista Passado e Presente**, Ouro Preto, 13 de novembro, 2009.
- BARICKMAN, B.J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no recôncavo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BARROS, José D'Assunção. “**História, região e espacialidade**”. Revista de História Regional, 10 (1), 2005, pp. 95-129. BRANDÃO, Maria de Azevedo. “Os vários recôncavos e seus riscos”. Revista do centro de artes, humanidades e letras. Vol. 1, 2007.
- CUNHA, Mario Pinto. **Memorial de São Francisco do Conde.** Salvador: Gráfica Central, 1977.
- FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910).** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- GEOGRAFAR. **Relatório Preliminar Comunidade negra rural Porto D. João.** Salvador, Março de 2015.
- IPAC.ba.gov.br/noticias/tombamento-da-usina-cinco-rios.Acessado em:02/12/2017.
- MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. **Bahia, século XIX: uma província no Império.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
- MEIHY, José Carlos S.B. **Manual de história oral.** 4.ed (ver. e ampl.). São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, pp. 3-15.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.).**Fontes Históricas.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PRADO JR. Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RUNARI, Pedro Paulo. **Os historiadores e a cultura material.** Editora Contexto: São Paulo,2005.
- SANTO, José Jorge Espírito. **São Francisco do Conde: resgate de uma riqueza cultural.**

São Francisco do Conde, 1998.

SOUZA, Cristiane santos. **Trajetórias de migrantes e seus descendentes: Transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana.** Tese de Doutorado em Antropologia, Unicamp, 2013.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Baía de Todos os Santos: uma visão da geografia histórica.** In: Bahia de Todos os Santos: Aspectos Humanos. Salvador. EDUFBA, 2011.